

ANGELA

DAVIS

—MULHERES, RAÇA E CLASSE—



© desta edição Boitempo, 2016
© Angela Y. Davis, 1981

Tradução do original em inglês *Women, Race & Class* (Nova York, Random House, 1981; Vintage, 1983),
publicada mediante acordo com a Random House, divisão da Penguin Random House LLC.

Direção editorial

Ivana Jinkings

Edição

Bibiana Leme

Auxílio editorial

Thaís Burani

Tradução

Heci Regina Candiani

Preparação

Mariana Tavares

Coordenação de produção

Livia Campos

Capa, aberturas e imagens internas

Ronaldo Alves

Diagramação

Antonio Kehl

Equipe de apoio: Allan Jones / Ana Yumi Kajiki / Arius Renzo / Eduardo Marques / Elaine Ramos /
Giselle Porto / Isabella Marcatti / Ivam Oliveira / Kim Doria / Leonardo Fabri / Marlene Baptista /
Maurício Barbosa / Renato Soares / Thais Barros / Tullio Candiotto

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D292m

Davis, Angela, 1944-

Mulheres, raça e classe / Angela Davis ; tradução Heci Regina Candiani. - 1. ed. -
São Paulo: Boitempo, 2016.

Tradução de: *Women, race and class*

ISBN 978-85-7559-503-9

1. Mulheres - Estados Unidos - História. 2. Sexo - Diferenças (Psicologia).
3. Racismo - Estados Unidos. 4. Feminismo. 5. Estados Unidos - Relações raciais.
6. Mulheres - Estados Unidos - Condições sociais. I. Candiani, Heci Regina. II. Título.
16-34484

CDD: 905.4

CDU: 316.346.2-055.2

É vedada a reprodução de qualquer
parte deste livro sem a expressa autorização da editora.

1ª edição: agosto de 2016

1ª reimpressão: outubro de 2016; 2ª reimpressão: janeiro de 2017

3ª reimpressão: abril de 2017

BOITEMPO EDITORIAL

Jinkings Editores Associados Ltda.

Rua Pereira Leite, 373

05442-000 São Paulo SP

Tel./fax: (11) 3875-7250 / 3875-7285

editor@boitempoeditorial.com.br | www.boitempoeditorial.com.br

www.blogdaboitempo.com.br | www.facebook.com/boitempo

www.twitter.com/editoraboitempo | www.youtube.com/tvboitempo



ESTUPRO, RACISMO E O MITO DO ESTUPRADOR NEGRO

Alguns dos sintomas mais evidentes da desintegração social só são reconhecidos como um problema sério após assumirem tamanha proporção epidêmica que parecem não ter solução. O estupro é um dos casos em questão. Hoje, nos Estados Unidos, é um dos crimes violentos que mais crescem¹. Após muito tempo de silêncio, de sofrimento e de atribuição equivocada de culpa, a agressão sexual emerge de forma explosiva como uma das marcantes disfunções da sociedade capitalista atual. A preocupação pública crescente com o estupro nos Estados Unidos inspirou inúmeras mulheres a revelar seus enfrentamentos passados com abusadores efetivos ou potenciais. Como resultado, um fato assombroso veio à luz: terrivelmente, poucas mulheres podem alegar não ter sido vítimas, pelo menos uma vez na vida, ou de uma tentativa de ataque sexual, ou de uma agressão sexual consumada.

Nos Estados Unidos e em outros países capitalistas, as leis contra estupro foram, em regra, elaboradas originalmente para proteger homens das classes mais altas, cujas filhas e esposas corriam o risco de ser agredidas. O que acontece com as mulheres da classe trabalhadora, em geral, tem sido uma preocupação menor por parte dos tribunais; como resultado, são consideravelmente poucos os homens brancos processados pela violência sexual que cometeram contra essas mulheres. Embora estupradores raramente sejam levados à justiça, a acusação de estupro tem sido indiscriminadamente dirigida aos homens negros, tanto os culpados quanto os inocentes. Por isso, dos 455 homens condenados por estupro que foram executados entre 1930 e 1967, 405 eram negros².

Na história dos Estados Unidos, a acusação fraudulenta de estupro se destaca como um dos artifícios mais impiedosos criados pelo racismo. O

¹ Nancy Gager e Cathleen Schurr, *Sexual Assault: Confronting Rape in America* (Nova York, Grosset & Dunlap, 1976), p. 1.

² Michael Meltsner, *Cruel and Unusual: The Supreme Court and Capital Punishment* (Nova York, Random House, 1973), p. 75.

mito do esturador negro tem sido invocado sistematicamente sempre que as recorrentes ondas de violência e terror contra a comunidade negra exigem justificativas convincentes. Se as mulheres negras têm estado visivelmente ausentes das fileiras do movimento antiestupro da atualidade, isso pode se dever, em parte, à postura de indiferença desse movimento em relação ao uso da falsa acusação de estupro como forma de incitar agressões racistas. Um número grande demais de inocentes tem sido oferecido em sacrifício a câmaras de gás e enviado a celas de prisão perpétua para que as mulheres negras se juntem àquelas que frequentemente buscam o auxílio de policiais e juizes. Além disso, na própria condição de vítimas de estupro, elas têm encontrado pouca ou nenhuma simpatia desses homens de uniformes e togas. E histórias sobre ataques de policiais a mulheres negras – vítimas de estupro que, às vezes, sofrem um segundo estupro – são ouvidas com muita frequência para ser descartadas como anormais. “Mesmo quando o movimento pelos direitos civis de Birmingham estava mais forte”, por exemplo,

joventes ativistas frequentemente afirmavam que nada poderia proteger as mulheres negras de serem estupradas pela polícia de Birmingham. Recentemente, em dezembro de 1974, em Chicago, uma jovem negra de dezessete anos relatou ter sido estuprada por dez policiais. Alguns dos homens foram suspensos, mas no final todo o caso foi varrido para debaixo do tapete.³

Nas fases iniciais do movimento antiestupro contemporâneo, poucas teóricas feministas analisaram com seriedade as circunstâncias particulares envolvendo as mulheres negras na condição de vítimas de estupro. O nó histórico que ata as mulheres negras (sistematicamente abusadas e violadas por homens brancos) aos homens negros (mutilados e assassinados devido à manipulação racista das acusações de estupro) apenas começou a ser reconhecido de modo significativo. Sempre que as mulheres negras desafiaram o estupro, elas expuseram simultaneamente o uso das acusações falsas de estupro enquanto arma mortal do racismo contra seus companheiros. Como uma escritora extremamente observadora afirma:

O mito do esturador negro de mulheres brancas é irmão gêmeo do mito da mulher negra má – ambos elaborados para servir de desculpa e para facilitar a exploração

³ *The Racist Use of Rape and the Rape Charge: A Statement to the Women's Movement From a Group of Socialist Women* (Louisville, Socialist Women's Caucus, 1974), p. 5-6.

continuada de homens negros e de mulheres negras. As mulheres negras perceberam esse vínculo de modo muito claro e desde o começo se colocaram na dianteira da luta contra os linchamentos.⁴

Gerda Lerner, autora dessa passagem, é uma das poucas mulheres brancas que escreveram sobre o tema do estupro no início dos anos 1970 e que examinaram em profundidade o efeito combinado do racismo e do sexismo para as mulheres negras. O caso de Joan Little⁵, julgado no verão de 1975, ilustra a teoria de Lerner. Levada a julgamento sob a acusação de assassinato, a jovem negra teria sido responsável por matar um vigia branco em uma cadeia da Carolina do Norte, onde era a única mulher presa. Quando Joan Little depôs, ela contou como o vigia a havia estuprado em sua cela e como o matara em legítima defesa com o mesmo picador de gelo que ele havia usado para ameaçá-la. Ela recebeu o apoio ardoroso de organizações e pessoas da comunidade negra de todo o país, bem como do movimento feminino jovem, e sua absolvição foi saudada como uma importante vitória possibilitada por essa campanha de massa. Imediatamente após sua libertação, a srta. Little lançou diversos apelos comoventes a favor de um homem negro chamado Delbert Tibbs, que aguardava execução na Flórida após ter sido condenado, com base em uma falsa acusação, pelo estupro de uma mulher branca.

Muitas mulheres negras atenderam ao apelo de Joan Little e apoiaram a causa de Delbert Tibbs. Mas poucas mulheres brancas – e certamente poucos grupos organizados no interior do movimento antiestupro – seguiram sua sugestão de se mobilizar pela libertação desse homem negro, vitimado de modo tão flagrante pelo racismo do Sul. Nem mesmo quando o advogado de Little, Jerry Paul, anunciou sua decisão de representar Delbert Tibbs as mulheres brancas cessaram levantar-se em sua defesa. Em 1978, entretanto, quando as acusações contra Tibbs foram retiradas, ativistas brancas antiestupro haviam começado gradualmente a se alinhar com tal causa. Sua relutância inicial, porém, foi um dos episódios históricos que confirmaram as suspeitas de muitas mulheres negras de que o movimento antiestupro era, em grande medida, alheio às suas preocupações específicas.

O fato de as mulheres negras não terem se juntado em massa ao movimento antiestupro não significa, portanto, que se opusessem a medidas gerais de combate ao estupro. Antes do fim do século XIX, mulheres negras pioneiras

⁴ Gerda Lerner (org.), *Black Women in White America*, cit., p. 193.

⁵ Ver Angela Davis, "Joan Little: The Dialectics of Rape", *Ms. Magazine*, v. 3, n. 12, jun. 1975.

do movimento associativo orquestraram um dos primeiros protestos públicos organizados contra o abuso sexual. Sua tradição de oitenta anos na luta organizada contra o estupro reflete como as mulheres negras têm sofrido, de modo amplo e exagerado, a ameaça de violência sexual. Uma das características históricas marcantes do racismo sempre foi a concepção de que os homens brancos – especialmente aqueles com poder econômico – possuíam um direito incontestável de acesso ao corpo das mulheres negras.

A escravidão se sustentava tanto na rotina do abuso sexual quanto no tronco e no açoite. Impulsos sexuais excessivos, existentes ou não entre os homens brancos como indivíduos, não tinham nenhuma relação com essa verdadeira institucionalização do estupro. A coerção sexual, em vez disso, era uma dimensão essencial das relações sociais entre o senhor e a escrava. Em outras palavras, o direito alegado pelos proprietários e seus agentes sobre o corpo das escravas era uma expressão direta de seu suposto direito de propriedade sobre pessoas negras como um todo. A licença para estuprar emanava da cruel dominação econômica e era por ela facilitada, como marca grotesca da escravidão⁶.

O padrão do abuso sexual institucionalizado de mulheres negras se tornou tão forte que conseguiu sobreviver à abolição da escravatura. Estupros coletivos, perpetrados pela Ku Klux Klan e outras organizações terroristas do período posterior à Guerra Civil, tornaram-se uma arma política clara no esforço para inviabilizar o movimento pela igualdade negra. Durante os tumultos ocorridos em Memphis, em 1866, por exemplo, a violência dos assassinatos cometidos por gangues foi brutalmente complementada por ataques sexuais orquestrados contra mulheres negras. Após os tumultos, várias mulheres negras testemunharam a um comitê do Congresso sobre os brutais estupros que sofreram pelas mãos das gangues⁷. Este depoimento sobre eventos similares ocorridos durante os ataques de 1871 em Meridian, Mississippi, foi dado por uma mulher negra chamada Ellen Parton:

Moro em Meridian; moro aqui há nove anos; minha profissão, lavar, passar e esfregar; a noite de quarta-feira foi a última em que eles vieram à minha casa; por "eles" quero dizer bandos ou grupos de homens; eles vieram na segunda, na terça e na quarta-feira; na segunda-feira à noite, eles disseram que não tinham vindo

⁶ Ver capítulo 1.

⁷ Herbert Aptheker, *A Documentary History of the Negro People in the United States*, v. 2, cit., p. 552 e seg.

nos machucar; na terça-feira à noite, eles disseram ter vindo pelas armas; eu disse a eles que não havia nenhuma, e eles disseram que aceitariam minha palavra; na quarta-feira à noite, eles vieram, reviraram os armários e baús e me estupraram; eram oito deles na casa; não sei quantos estavam do lado de fora.⁸

O abuso sexual de mulheres negras, é óbvio, nem sempre se manifesta na forma de uma violência tão aberta e pública. Há o drama diário do racismo representado pelos incontáveis e anônimos enfrentamentos entre as mulheres negras e seus abusadores brancos – homens convencidos de que seus atos são naturais. Essas agressões têm sido ideologicamente sancionadas por políticos, intelectuais e jornalistas, bem como por literatos que com frequência retratam as mulheres negras como promíscuas e imorais. Até mesmo a extraordinária escritora Gertrude Stein descreveu uma de suas personagens negras como possuidora da “simples e promíscua imoralidade do povo negro”.⁹ A imposição dessa maneira de enxergar as mulheres negras aos homens brancos da classe trabalhadora foi um momento de triunfo para o avanço da ideologia racista.

O racismo sempre encontrou forças em sua habilidade de encorajar a coerção sexual. Embora as mulheres negras e suas irmãs de minorias étnicas tenham sido os alvos principais desses ataques de inspiração racista, as mulheres brancas também sofreram. Uma vez que os homens brancos estavam convencidos de que podiam cometer ataques sexuais contra as mulheres negras impunemente, sua conduta em relação às mulheres de sua própria raça não podia permanecer ílesa. O racismo sempre serviu como um estímulo ao estupro, e as mulheres brancas dos Estados Unidos necessariamente sofreram o efeito indireto desses ataques. Esta é uma das muitas maneiras pelas quais o racismo alimenta o sexismo, tornando as mulheres brancas vítimas indiretas da opressão dirigida em especial às suas irmãs de outras etnias.

A experiência da Guerra do Vietnã proporciona um exemplo adicional do modo como o racismo pode funcionar enquanto incitação ao estupro. Uma vez que foi incutida na cabeça dos soldados dos Estados Unidos a visão de que lutavam contra uma raça inferior, eles acabaram aprendendo que estuprar as vietnamitas era um dever militar necessário. Eram até mesmo instruídos a

⁸ Gerda Lerner (org.), *Black Women in White America*, cit., p. 185-6.

⁹ Gertrude Stein, *Three Lives* (1909) (Nova York, Vintage, 1970), p. 86 [ed. bras.: *Três vidas*, trad. Vanessa Barbara, São Paulo, Cosac Naify, 2008].

“revistar” mulheres com seus pênis¹⁰. Tratava-se de uma política não escrita do Comando Militar dos Estados Unidos: encorajar o estupro de maneira sistemática, já que se tratava de uma arma de terrorismo de massa extremamente eficaz. Onde estão os milhares e milhares de veteranos da Guerra do Vietnã que testemunharam esses horrores e deles participaram? Em que medida essas experiências brutais afetaram suas atitudes em relação às mulheres como um todo? Embora seja bastante equivocado apontar os veteranos da Guerra do Vietnã como os principais autores de crimes sexuais, não pode haver muitas dúvidas de que as terríveis repercussões da experiência no Vietnã ainda são sentidas por todas as mulheres dos Estados Unidos nos dias de hoje.

É uma dolorosa ironia que algumas teóricas antiestupro que ignoram o papel instigador desempenhado pelo racismo não hesitem em argumentar que os homens de minorias étnicas são especialmente propensos a cometer violência sexual contra mulheres. Em seu impressionante estudo sobre estupro, Susan Brownmiller alega que a opressão histórica dos homens negros afastou deles muitas das manifestações “legítimas” da supremacia masculina. Como consequência, eles têm de recorrer a atos de violência sexual explícita. Em seu retrato da “população dos guctos”, Brownmiller insiste que “as salas de jantar dos executivos de grandes empresas e as escaladas do monte Everest não são geralmente acessíveis àqueles que formam a subcultura da violência. O acesso ao corpo feminino – pela força – está ao seu alcance”¹¹.

Quando o livro de Brownmiller, *Against Our Will: Men, Women and Rape* [Contra nossa vontade: homens, mulheres e estupro], foi publicado, alguns círculos o elogiaram de modo efusivo. A revista *Time*, que a elegeu como uma das mulheres do ano em 1976, descreveu o livro como “a mais rigorosa e provocadora obra acadêmica que já surgiu no movimento feminista”¹². Em outros círculos, entretanto, o livro foi severamente criticado por seu papel na restauração do velho mito racista do estuprador negro.

Não se pode negar que o livro de Brownmiller seja uma contribuição acadêmica pioneira à literatura contemporânea sobre o estupro. Ainda assim, muitos dos argumentos que ela usa infelizmente estão impregnados de ideias racistas. Um exemplo característico é sua reinterpretação do linchamento de

¹⁰ Arlene Eisen-Bergman, *Women in Vietnam*, cit., parte I, cap. 5.

¹¹ Susan Brownmiller, *Against Our Will: Men, Women and Rape* (Nova York, Simon & Schuster, 1975), p. 194.

¹² “A Dozen Who Made a Difference”, *Time*, v. 107, n. 1, 5 jan. 1976, p. 20.

Emmett Till, de catorze anos, em 1953. Depois que esse adolescente assobiou para uma mulher branca, no Mississippi, seu corpo mutilado foi encontrado no fundo do rio Tallahatchie. "O gesto de Till", disse Brownmiller, "foi mais do que uma molecagem ousada"¹³.

Emmett Till estava mostrando aos seus colegas negros que ele e, por dedução, eles podiam ter uma mulher branca, e Carolyn Bryant era o alvo convenientemente próximo. Em termos concretos, o acesso a todas as mulheres brancas estava em análise. [...] E quanto ao assobio de lobo, o "gesto de ousadia adolescente" de Till? [...] O assobio não foi um fiu-fiu discreto nem uma aprovação melódica a um tornozelo elegante. [...] Foi um insulto deliberado, pouco menos que uma agressão física, um último aviso a Carolyn Bryant de que aquele menino negro, Till, tinha em mente a ideia de possuí-la.¹⁴

Embora Brownmiller deplora a punição sádica imposta a Emmett Till, o jovem negro emerge, mesmo assim, como um sexista culpado – quase tão culpado quanto seus assassinos brancos racistas. Afinal, ela argumenta, tanto Till quanto seus algozes estavam exclusivamente preocupados com seus direitos de posse sobre as mulheres.

Infelizmente, Brownmiller não é a única escritora contemporânea a ser influenciada pela ideologia racista. De acordo com Jean MacKellar, em seu livro *Rape: The Bait and the Trap* [Estupro: a isca e a armadilha], "os negros criados na vida difícil do gueto aprendem que podem conseguir o que querem somente se apoderando daquilo. A violência é a regra no jogo pela sobrevivência. As mulheres são a presa autêntica: para obter uma mulher é preciso dominá-la"¹⁵.

MacKellar estava tão completamente hipnotizada pela propaganda racista que faz a desavergonhada afirmação de que 90% de todos os estupros notificados nos Estados Unidos são cometidos por homens negros¹⁶. Na medida em que o número correspondente do FBI é de 47%¹⁷, é difícil acreditar que a declaração de MacKellar não seja uma provocação intencional.

¹³ Susan Brownmiller, *Against Our Will*, cit., p. 247.

¹⁴ Idem.

¹⁵ Jean MacKellar, *Rape: The Bait and the Trap* (Nova York, Crown, 1975), p. 72.

¹⁶ "Em suma, para cada estupro notificado em que o agressor é um homem branco, há nove cometidos por negros. Os homens negros, que representam cerca de um décimo da população masculina dos Estados Unidos, estão envolvidos em 90% dos estupros notificados", idem.

¹⁷ Susan Brownmiller, *Against Our Will*, cit., p. 213.

Os estudos mais recentes sobre estupro nos Estados Unidos reconheceram a disparidade entre a incidência real de ataques sexuais e as notificações que chegam à polícia. De acordo com Susan Brownmiller, por exemplo, os casos reportados de estupro estão entre um a cada cinco e um a cada vinte¹⁸. Um estudo publicado pelo coletivo Feministas Radicais de Nova York concluiu que os estupros notificados representam um número tão baixo quanto cerca de 5% dos casos¹⁹. Ainda assim, em grande parte da literatura contemporânea sobre o estupro há a tendência de equiparar o “estuprador dos registros policiais” com o “estuprador típico”. Se esse padrão persistir, será praticamente impossível revelar as reais causas sociais do estupro.

O livro *The Politics of Rape* [A política do estupro], de Diana Russell, infelizmente reforça a noção corrente de que o estuprador típico é um homem de minorias étnicas – ou, se ele for branco, um homem pobre ou da classe trabalhadora. Com o subtítulo *The Victim's Perspective* [A perspectiva da vítima], o livro é baseado em uma série de entrevistas com vítimas de estupro da área da baía de São Francisco. Dos 22 casos que ela relata, 12 – isto é, mais da metade – envolvem mulheres que foram estupradas por homens negros, de origem mexicana ou indígenas. É revelador o fato de que apenas 26% das 95 entrevistas que ela originalmente realizou para o livro envolvam homens de minorias étnicas²⁰. Se esse processo dúbio de seleção não é suficiente para despertar profundas suspeitas de racismo, consideremos o conselho que ela oferece às mulheres brancas:

Se alguns homens negros enxergam o estupro de mulheres brancas como um ato de vingança ou uma manifestação justificável de hostilidade contra os brancos, penso que seria igualmente realista que as mulheres brancas tivessem menos confiança nos homens negros do que muitas delas têm.²¹

Brownmiller, MacKellar e Russell são, sem dúvida, mais sutis do que os ideólogos anteriores do racismo. Mas, tragicamente, suas conclusões guardam semelhanças com as ideias de acadêmicos que fazem apologia ao racismo, como Winfield Collins, que em 1918 publicou um livro intitulado *The Truth About Lynching and the Negro in the South (In Which the Author Pleads that the South*

¹⁸ Ibidem, p. 175.

¹⁹ Noreen Connell e Cassandra Wilson (orgs.), *Rape: The First Sourcebook for Women*, by New York Radical Feminists (Nova York, New American Library, 1974), p. 151.

²⁰ Diana Russell, *The Politics of Rape: The Victim's Perspective* (Nova York, Stein & Day, 1975).

²¹ Ibidem, p. 163.

Be Made Safe for the White Race) [A verdade sobre os linchamentos e o negro no Sul (no qual o autor defende que o Sul se torne seguro para a raça branca)]:

Duas das características mais evidentes do negro são a total falta de castidade e a completa ignorância da veracidade. A frouxidão sexual do negro, considerada tão imoral ou até criminoso na civilização do homem branco, pode ter sido tudo menos uma virtude em seu habitat de origem. Lá, a natureza criou nele intensas paixões sexuais para compensar sua alta taxa de mortalidade.²²

Collins recorre a argumentos pseudobiológicos, enquanto Brownmiller, Russell e MacKellar invocam explicações ligadas ao meio, mas, em última análise, todos afirmam que os homens negros são motivados de modo especialmente poderoso a praticar violência sexual contra as mulheres.

Um dos primeiros trabalhos teóricos associados ao movimento feminista atual a lidar com o tema estupro e raça é *A dialética do sexo: um manifesto da revolução feminista*, de Shulamith Firestone. O racismo em geral, afirma Firestone, é na verdade uma extensão do sexismo. Invocando a noção bíblica de que "as raças são nada mais que os vários progenitores, irmãos e irmãs da Família do Homem"²³, ela desenvolve um conceito em que define o homem branco como pai, a mulher branca como esposa e mãe, e as pessoas negras como crianças. Ao transpor a teoria freudiana do complexo de Édipo para termos raciais, Firestone insinua que os homens negros nutrem um incontrolável desejo de manter relações sexuais com as mulheres brancas. Eles querem matar o pai e dormir com a mãe²⁴. Além disso, para "ser um homem", o homem negro deve

desatar-se desse laço com a fêmea branca, relacionando-se com ela, caso necessário, apenas de modo a degradá-la. Ademais, em razão de seu ódio virulento e do ciúme daquele que a possui (o homem branco), ele pode cobiçá-la como coisa a ser conquistada a fim de se vingar do homem branco.²⁵

Como Brownmiller, MacKellar e Russell, Firestone sucumbe ao velho sofisma racista de culpar a vítima. Seja de forma inocente ou consciente, suas

²² Winfield H. Collins, *The Truth About Lynching and the Negro in the South (In Which the Author Pleads that the South Be Made Safe for the White Race)* (Nova York, Neale, 1918), p. 94-5.

²³ Shulamith Firestone, *The Dialectic of Sex: The Case for Feminist Revolution* (Nova York, Bantam, 1971), p. 108 [ed. bras.: *A dialética do sexo: um manifesto da revolução feminista*, trad. Vera Regina Rebello Terra, Rio de Janeiro, Labor, 1976].

²⁴ *Ibidem*, p. 108 e seq.

²⁵ *Ibidem*, p. 110.

exposições facilitaram a restauração do desgastado mito do estupro negro. Sua miopia histórica ainda as impede de compreender que a representação dos homens negros como estupradores reforça o convite aberto do racismo para que os homens brancos se aproveitem sexualmente do corpo das mulheres negras. A imagem fictícia do homem negro como estuproador sempre fortaleceu sua companheira inseparável: a imagem da mulher negra como cronicamente promíscua. Uma vez aceita a noção de que os homens negros trazem em si compulsões sexuais irresistíveis e animais, toda a raça é investida de bestialidade. Se os homens negros voltam os olhos para as mulheres brancas como objetos sexuais, então as mulheres negras devem por certo aceitar as atenções sexuais dos homens brancos. Se elas são vistas como "mulheres fáceis" e prostitutas, suas queixas de estupro necessariamente carecem de legitimidade.

Durante os anos 1920, um conhecido político do Sul declarou que não existia nenhuma "moça de cor virtuosa" com mais de catorze anos²⁶. Por fim, descobriu-se que esse homem branco tinha duas famílias – uma com uma mulher branca, outra com uma mulher negra. Walter White, um importante líder do combate aos linchamentos e secretário-executivo da Associação Nacional para o Progresso das Pessoas de Cor, acusou legitimamente esse homem de "explicar e desculpar suas próprias negligências morais ao enfatizar a 'imoralidade' das mulheres da 'raça inferior'"²⁷.

Um escritor negro contemporâneo, Calvin Hernton, infelizmente sucumbe a falsidade semelhante sobre as mulheres negras. No estudo *Sex and Racism* [Sexo e racismo], ele insiste que, "durante a escravidão, a mulher negra começou a desenvolver um conceito depreciativo de si mesma não apenas como mulher, mas também como ser humano"²⁸. De acordo com a análise de Hernton, "após vivenciar a incessante imoralidade sexual do Sul branco", "a mulher negra se tornou 'promíscua e fácil', e podia ser 'de qualquer um'. Na verdade, ela passou a enxergar a si mesma como o Sul a via e a tratava, pois não tinha outra moralidade na qual moldar sua condição de mulher"²⁹.

A análise de Hernton nunca ultrapassa o véu ideológico que resultou em uma minimização das afrontas sexuais constantemente cometidas contra as mulheres

²⁶ Walter White, *Rope and Faggot: A Biography of Judge Lynch* (Nova York, Alfred A. Knopf, 1929), p. 66.

²⁷ Idem.

²⁸ Calvin Hernton, *Sex and Racism in America* (Nova York, Grove, 1965), p. 125.

²⁹ Ibidem, p. 124.

negras. Ele cai na armadilha de culpar a vítima pelas punições bárbaras que ela foi historicamente obrigada a suportar.

Ao longo de toda a história dos Estados Unidos, as mulheres negras têm manifestado uma consciência coletiva de sua condição de vítimas sexuais. Elas também compreenderam que não poderiam resistir de modo adequado aos abusos sexuais sofridos sem atacar simultaneamente as acusações fraudulentas de estupro como pretextos para os linchamentos. O uso do estupro como um instrumento de terror pela supremacia branca antecede em alguns séculos a instituição do linchamento. Durante o período de escravidão, o linchamento de pessoas negras não ocorria de forma ampla – pela simples razão de que os proprietários de escravos relutavam em destruir sua valiosa propriedade. Açoitamento sim, mas linchamento não. Em conjunto com o açoitamento, o estupro era um método extremamente eficiente para manter tanto as mulheres negras quanto os homens negros sob controle. Tratava-se de uma arma rotineira de repressão.

Linchamentos ocorreram, sim, antes da Guerra Civil – mas tinham como alvo mais frequente os abolicionistas brancos, sem valor financeiro no mercado. De acordo com o jornal de William Lloyd Garrison, o *Liberator*, mais de trezentas pessoas brancas foram linchadas ao longo de duas décadas a partir de 1836³⁰. A frequência de linchamentos crescia à medida que a campanha antiescravagista conquistava poder e influência: “Conforme os proprietários de escravos viam a luta se voltar contra eles, apesar de seu desesperado empenho para controlar essas forças, recorriam mais e mais à força e à fogueira”³¹. Segundo a conclusão de Walter White, “o linchador entrou em cena como um leal defensor dos lucros do proprietário de escravos”³².

Com a emancipação dos escravos, a população negra não tinha mais valor de mercado para os antigos proprietários, e “a indústria de linchamentos passou por uma revolução”³³. Quando Ida B. Wells fez a pesquisa para seu primeiro panfleto contra os linchamentos, publicado em 1895 com o título *A Red Record* [Um registro vermelho], ela calculou que ocorreram mais de 10 mil linchamentos entre 1865 e 1895.

³⁰ Walter White, *Rope and Faggot*, cit., p. 91.

³¹ *Ibidem*, p. 92.

³² *Ibidem*, p. 86.

³³ *Ibidem*, p. 94.

Não foram todos, nem quase todos, os assassinatos cometidos por homens brancos durante os últimos trinta anos que vieram à luz, mas as estatísticas, do modo como foram reunidas e preservadas pelos homens brancos, e que não foram questionadas, mostram que durante esses anos mais de dez mil pessoas negras foram assassinadas a sangue frio, sem a formalidade do julgamento judicial e da execução legal. E ainda assim, como evidência da absoluta impunidade com que o homem branco ousa matar um negro, o mesmo registro mostra que durante todos esses anos, e por todos esses assassinatos, apenas três homens brancos foram julgados, condenados e executados. Como nenhum homem branco foi linchado pelo assassinato de pessoas de cor, essas três execuções são as únicas ocorrências de pena de morte para homens brancos pelo assassinato de negros.³⁴

Atrelado a esses linchamentos e as incontáveis barbaridades neles envolvidas, o mito do estuprador negro foi trazido à tona. Seu terrível poder de persuasão só poderia existir no interior do irracional mundo da ideologia racista. Por mais ilógico que seja o mito, não se trata de uma aberração espontânea. Ao contrário, o mito do estuprador negro era uma invenção obviamente política. Como aponta Frederick Douglass, durante a escravidão, os homens negros não eram rotulados como estupradores de forma indiscriminada. Ao longo de toda a Guerra Civil, na verdade, nem um único homem negro foi acusado publicamente de estuprar uma mulher branca³⁵. Se os homens negros possuíssem um impulso animalesco de estuprar, argumentava Douglass, esse suposto instinto estuprador certamente teria sido ativado quando as mulheres brancas foram deixadas desprotegidas por seus companheiros, que estavam em combate no Exército Confederado.

Imediatamente após a Guerra Civil, o espectro ameaçador do estuprador negro ainda não havia aparecido no cenário histórico. Mas os linchamentos, reservados durante a escravidão aos abolicionistas brancos, provavam ser uma arma política valiosa. Antes que os linchamentos pudessem ser consolidados como uma instituição popularmente aceita, entretanto, a barbaridade e o horror que representavam precisavam ser justificados de maneira convincente. Essas foram as circunstâncias que engendraram o mito do estuprador negro – pois a acusação de estupro acabou por se tornar a mais poderosa entre as várias

³⁴ Ida B. Wells-Barnett, *On Lynching* (Nova York, Arno/New York Times, 1969), p. 8.

³⁵ Frederick Douglass, "Why is the Negro Lynched", em Philip S. Foner, *The Life and Writings of Frederick Douglass*, v. 4, cit., p. 498-9. Panfleto publicado originalmente em 1894, com o título "The Lesson of the Hour".

tentativas de legitimar os linchamentos de pessoas negras. A instituição do linchamento, por sua vez, complementada pelos contínuos estupros de mulheres negras, tornou-se um elemento essencial da estratégia de terror racista do pós-guerra. Dessa forma, a brutal exploração da força de trabalho negra estava garantida e, após a traição da Reconstrução, a dominação política do povo negro como um todo estava assegurada.

Durante a primeira grande onda de linchamentos, a propaganda que incitava a defesa da feminilidade branca contra os irrefreáveis instintos violadores dos homens negros foi notável por sua ausência. Tal qual observou Frederick Douglass, os homicídios ilegais de pessoas negras eram mais frequentemente descritos como medidas preventivas para impedir que as massas negras se levantassem em revolta³⁶. Naquela época, a função política dos assassinatos cometidos por gangues era evidente. O linchamento era uma contrainsurgência sem disfarces, uma garantia de que o povo negro não conseguiria alcançar seus objetivos de cidadania e igualdade econômica. “Durante esse período”, Douglass destacou,

[...] as justificativas para o assassinato de negros eram supostas conspirações negras, rebeliões negras, planos dos negros para matar toda a população branca, tramas negras para incendiar a cidade e praticar violência generalizada [...], mas nunca foi dita ou murmurada uma palavra sobre afrontas de negros contra mulheres e crianças brancas.³⁷

Mais tarde, quando se tornou evidente que essas conspirações, tramas e rebeliões eram invencionices nunca materializadas, a justificativa mais comum para os linchamentos foi alterada. No período posterior a 1872, anos de crescimento de grupos justiceiros como Ku Klux Klan e Cavaleiros da Camélia Branca [Knights of the White Camellia], um novo pretexto foi fabricado. Os linchamentos eram apresentados como medida necessária para impedir a supremacia negra sobre a população branca – em outras palavras, para reafirmar a supremacia branca³⁸.

Após a traição da Reconstrução e a concomitante supressão do direito de voto dos negros, o espectro da supremacia política negra como pretexto para os linchamentos se tornou obsoleto. Ainda assim, à medida que a estrutura econômica do pós-guerra ganhava forma, solidificando a superexploração da

³⁶ *Ibidem*, p. 501.

³⁷ *Idem*.

³⁸ *Idem*.

força de trabalho negra, o número de linchamentos continuava a crescer. Essa foi a conjuntura histórica em que as queixas de estupro emergiram como a principal justificativa para os linchamentos. A explicação de Frederick Douglass dos motivos políticos subjacentes à criação do mítico estuprador negro é uma brilhante análise do modo como a ideologia se transforma para ir ao encontro de novas condições históricas.

Os tempos mudaram, e os acusadores dos negros acharam necessário mudar também. Eles foram obrigados a inventar novas acusações para se adaptar aos tempos. As velhas acusações não são mais válidas. Com elas, a aprovação do Norte e da espécie humana não poderia ser garantida. Homens honestos não acreditam mais que exista qualquer base para temer a supremacia negra. «Os tempos e os fatos eliminaram esses velhos ninhos de mentiras. Um dia, essas mentiras foram poderosas. Fizeram seu trabalho diário com terrível energia e eficácia, mas agora foram postas de lado como inúteis. A mentira perdeu seu poder de enganar. As novas circunstâncias tornaram necessária uma justificativa mais rigorosa, mais forte e mais efetiva para a barbárie do Sul e, por isso, de acordo com minha teoria, temos de encarar uma acusação mais chocante e explosiva do que as de supremacia negra ou rebelião negra.»³⁹

Essa acusação mais chocante e explosiva, claro, era o estupro. Os linchamentos agora eram explicados e racionalizados como um método para vingar as agressões de homens negros contra a feminilidade branca do Sul. Como insistiu alguém que fazia apologia dos linchamentos, era necessário encontrar “um modo de responder a uma condição fora do comum com meios fora do comum – daí os linchamentos, a fim de manter o controle sobre o negro no Sul”⁴⁰.

Embora a maioria dos linchamentos nem mesmo envolvesse a acusação de agressão sexual, a queixa racista de estupro se tornou uma explicação comum, muito mais eficaz do que qualquer uma das duas tentativas anteriores de justificar os ataques das gangues contra a população negra. Em uma sociedade em que a supremacia masculina permeava tudo, homens motivados pelo dever de defender suas mulheres podiam ser desculpados pelos excessos que cometessem. O fato de que suas razões eram nobres era uma justificativa mais do que suficiente para as barbaridades resultantes. Como o senador Ben Tillman, da Carolina do Sul, disse a seus colegas em Washington no início do século XX,

³⁹ *Ibidem*, p. 502.

⁴⁰ Winfield H. Collins, *The Truth About Lynching and the Negro in the South*, cit., p. 58.

"quando homens brancos austeros e de expressão triste levavam à morte uma criatura de forma humana que deflorou uma mulher branca, eles vingavam o mal maior, o crime mais negro [...]"⁴¹. Tais crimes, disse ele, levavam os homens civilizados a "retornar ao tipo de barbárie original cujos impulsos, em tais circunstâncias, sempre foram 'matar, matar, matar'"⁴².

As repercussões desse novo mito eram enormes. A oposição aos linchamentos individuais – pois quem ousaria defender um estuprador? – não apenas foi reprimida como o apoio de pessoas brancas à causa da igualdade negra começou a diminuir. No fim do século XIX, a maior organização de massa de mulheres brancas, a Women's Christian Temperance Union, foi dirigida por uma mulher que vilipendiava publicamente os homens negros por seus supostos ataques às mulheres brancas. Mais do que isso, Frances Willard chegou ao ponto de caracterizar os homens negros como particularmente propensos ao alcoolismo, o que, por sua vez, exacerbava seu impulso de estuprar.

O botequim é o centro do poder do negro. Uísque de qualidade e em grande quantidade são o chamado para grandes gangues de pele escura. A raça de cor se multiplica como gafanhoto no Egito. O botequim é o centro de seu poder. A segurança das mulheres, das crianças, do lar, está ameaçada em milhares de localidades neste momento, então que os homens não ousem ir tão longe que não possam avistar sua casa.⁴³

A caracterização dos homens negros como estupradores acarretou uma incrível confusão nas fileiras dos movimentos progressistas. Tanto Frederick Douglass como Ida B. Wells mostram, em suas respectivas análises, que, assim que queixas de estupro se propagaram a ponto de se tornarem desculpas que legitimavam os linchamentos, antigos defensores brancos da igualdade negra passaram a temer cada vez mais a associação de seu nome com a luta pela libertação do povo negro. Essas pessoas ou permaneciam em silêncio ou, como Frances Willard, falavam de modo agressivo contra os crimes sexuais indiscriminadamente atribuídos aos homens negros. Douglass descreveu o impacto catastrófico da acusação falsa de estupro no movimento pela igualdade negra em geral:

Esfriou os amigos [do negro]; esquentou seus inimigos e, em certa medida, conteve os generosos esforços, tanto no país como no exterior, que homens bons estavam

⁴¹ Nancy Gager e Carhleen Schurr, *Sexual Assault*, cit., p. 163.

⁴² Idem.

⁴³ Ida B. Wells-Barnett, *On Lynching*, cit., p. 59.

acostumados a fazer por seu progresso e sua ascensão. Foi uma decepção para seus amigos do Norte e para muitos de seus bons amigos do Sul, pois quase todos eles, em certa medida, aceitaram essa acusação contra o negro como verdadeira.⁴⁴

Qual era a realidade por trás desse mito terrivelmente poderoso do estuprador negro? Sem dúvida, houve alguns casos de homens negros que estupraram mulheres brancas. Mas o número de estupros que de fato aconteceram era desproporcional às alegações implicadas no mito. Como indicado anteriormente, durante toda a Guerra Civil não houve um único caso notificado de uma mulher branca que tenha sido estuprada por um escravo. Embora praticamente todos os homens brancos do Sul estivessem na frente de batalha, nunca foi levantada nenhuma queixa de estupro. Frederick Douglass argumenta que dirigir as acusações de estupro aos homens negros como um todo não era aceitável, simplesmente porque isso indicava uma mudança radical e instantânea do caráter mental e moral do povo negro: "A história não apresenta um exemplo de transformação tão extrema, tão artificial e tão completa no caráter de nenhuma classe de homens como essa acusação pressupõe. A mudança é grande demais e em um tempo muito curto"⁴⁵.

Até mesmo as circunstâncias reais da maioria dos linchamentos contradiziam o mito do estuprador negro. A maioria dos assassinatos cometidos pelas gangues nem sequer envolvia a acusação de estupro. Embora a queixa de estupro fosse invocada como uma justificativa comum para linchamentos em geral, a maioria dos linchamentos acontecia por outros motivos. Em um estudo publicado em 1931 pela Comissão Sulista para o Estudo sobre Linchamentos, foi revelado que, entre 1889 e 1929, apenas um sexto das vítimas de gangues havia sido realmente acusado de estupro: 37,7% foram acusados de assassinato; 5,8% de agressões graves; 7,1% de roubo; 1,8% de insulto a uma pessoa branca, e 24,2% foram acusados de crimes diversos – a maioria dos quais assombrosamente trivial. De acordo com os dados da comissão, 16,7% das vítimas linchadas foram acusadas de estupro e 6,7% de tentativa de estupro⁴⁶.

Embora seus argumentos fossem contestados pelos fatos, muitas das pessoas que faziam apologia dos linchamentos afirmavam que apenas a obrigação

⁴⁴ Philip S. Foner, *The Life and Writings of Frederick Douglass*, v. 4, cit., p. 503.

⁴⁵ *Ibidem*, p. 499.

⁴⁶ *Lynchings and What They Mean: General Findings of the Southern Commission on the Study of Lynching* (Atlanta, 1931), p. 19.

dos homens brancos de defender suas mulheres poderia motivá-los a cometer ataques tão bárbaros contra os homens negros. Em 1904, Thomas Nelson Page, ao escrever para a *North American Review*, colocou todo o peso dos linchamentos nos ombros dos homens negros e em sua incontrolável propensão para cometer crimes sexuais.

O crime de linchamento provavelmente não cessará até que o crime de violar e matar mulheres e crianças seja menos frequente do que tem sido ultimamente. E esse crime, que se limita quase completamente à raça negra, não diminuirá de forma significativa até que os próprios negros o peguem com as mãos e o esmaguem.⁴⁷

E os homens brancos do Sul, disse Ben Tillman no Senado dos Estados Unidos, não deveriam "se submeter ao [negro] que satisfaz sua luxúria com nossas esposas e filhas sem linchá-lo"⁴⁸. Em 1892, quando o senador Tillman era governador da Carolina do Sul, ele declarou, no local onde oito homens negros haviam sido enforcados, que lideraria pessoalmente uma gangue de linchadores contra qualquer homem negro que ousasse estuprar uma mulher branca. Durante seu mandato como governador, ele entregou um homem negro a uma gangue branca, ainda que a vítima do linchamento tivesse sido publicamente absolvida pela mulher branca responsável pela queixa de estupro⁴⁹.

A colonização da economia do Sul pelos capitalistas do Norte deu aos linchamentos seu impulso mais vigoroso. Se a população negra, por meio do terror e da violência, podia continuar a ser o grupo mais brutalmente explorado no interior das fileiras cada vez maiores da classe trabalhadora, os capitalistas poderiam tirar disso uma dupla vantagem. Lucros extras resultariam da superexploração da força de trabalho negra, e a hostilidade da mão de obra branca contra seus empregadores seria neutralizada. Trabalhadoras brancas e trabalhadores brancos que concordavam com os linchamentos assumiam necessariamente uma postura de solidariedade racial com os homens brancos que eram seus verdadeiros opressores. Tratava-se de um momento crítico na popularização da ideologia racista.

Se o povo negro tivesse simplesmente aceitado uma condição de inferioridade econômica e política, os assassinatos praticados por gangues teriam

⁴⁷ Citado em Gerda Lerner (org.), *Black Women in White America*, cit., p. 205-6.

⁴⁸ John Hope Franklin e Isidore Starr (orgs.), *The Negro in Twentieth Century America*, cit., p. 67.

⁴⁹ Ida B. Wells-Barnett, *On Lynching*, cit., p. 57.

provavelmente diminuído. Mas, como um grande número de ex-escravas e ex-escravos se recusou a abrir mão de seus sonhos de progresso, mais de 10 mil linchamentos ocorreram durante as três décadas posteriores à guerra⁵⁰. Qualquer pessoa que desafiasse a hierarquia racial era marcada como potencial vítima das gangues. O infinito rol de mortos acabou por incluir todos os tipos de insurgentes – desde negros proprietários de negócios bem-sucedidos e trabalhadores que pressionavam por salários mais altos até aqueles que se recusavam a ser chamados de “meninos” e as mulheres negras que ousavam resistir aos abusos sexuais de homens brancos. Ainda assim, a opinião pública havia sido cativada, e era ponto pacífico que os linchamentos eram uma reação justa aos bárbaros crimes sexuais contra a feminilidade branca. E uma importante pergunta deixava de ser feita: e quanto às inúmeras mulheres que foram linchadas – e algumas vezes estupradas antes de serem mortas pelas gangues? Ida B. Wells se refere ao “horrrível caso de uma mulher de San Antonio, Texas, que foi colocada dentro de um barril cujas laterais estavam atravessadas por pregos, lançado morro abaixo para que ela morresse”⁵¹.

O *Chicago Defender* publicou a seguinte notícia em 18 de dezembro de 1915, sob o título “Rape, Lynch Negro Mother” [“Mãe negra estuprada e linchada”]:

Columbus, Mississippi, 17 de dezembro – Na quinta-feira da semana passada, Cordelia Stevenson foi encontrada no início da manhã enforcada no tronco de uma árvore, sem roupas, morta [...]. Ela foi enforcada ali na noite anterior por uma gangue sedenta de sangue que havia ido até sua casa, arrancado-a do sono e arrastado-a pelas ruas sem nenhuma resistência. Eles a carregaram para um ponto distante, fizeram sua imoralidade e então a enforcaram.⁵²

Dado o papel central do estuprador negro fictício na formação do racismo pós-escravidão, é, na melhor das hipóteses, uma teoria irresponsável a que representa os homens negros como os autores mais frequentes de violência sexual. Na pior das hipóteses, é uma agressão contra o povo negro como um todo, pois o estuprador mítico implica a prostituta mítica. Entendendo que a acusação de estupro era um ataque a toda a comunidade negra, as mulheres negras assumiram rapidamente a liderança do movimento de combate aos linchamentos. Ida B. Wells-Barnett foi a força motriz por trás da cruzada

⁵⁰ *Ibidem*, p. 8.

⁵¹ *Idem*, *Crusade for Justice*, cit., p. 149.

⁵² Ralph Ginzburg, *One Hundred Years of Lynching* (Nova York, Lanter, 1969), p. 96.

contra os linchamentos, destinada a se estender por muitas décadas. Em 1892, três conhecidos dessa jornalista negra foram linchados em Memphis, Tennessee, assassinados por uma gangue racista porque a loja que abriram em um bairro negro era forte concorrente de uma loja de propriedade de pessoas brancas. Ida B. Wells apressou-se em falar contra esse linchamento nas páginas de seu jornal, *The Free Speech*. Durante sua viagem a Nova York, três meses depois, a redação foi destruída por um incêndio. Ameaçada de linchamento, ela decidiu permanecer no Leste e "contar ao mundo pela primeira vez a verdadeira história dos linchamentos de negros, que estavam se tornando numerosos e terríveis"⁵³.

Os artigos de Wells no *New York Age* motivaram mulheres negras a organizar uma campanha de apoio a seu favor, o que levou à criação de agremiações de mulheres negras⁵⁴. Como resultado de seus esforços pioneiros, mulheres negras de todo o país se tornaram ativas na cruzada contra os linchamentos. A própria Ida B. Wells viajou de cidade em cidade, lançando apelos a autoridades religiosas, profissionais e à classe trabalhadora para que falassem contra a afronta representada pela lei de linchamentos. Durante suas viagens ao exterior, um importante movimento de solidariedade foi organizado na Grã-Bretanha, o que teve acentuado impacto na opinião pública nos Estados Unidos. O grau do sucesso de Ida B. Wells foi tamanho que ela provocou a ira do *New York Times*. O perverso editorial a seguir foi publicado após a viagem de Wells à Inglaterra, em 1904:

No dia imediatamente posterior ao retorno da srta. Wells aos Estados Unidos, um homem negro agrediu uma mulher branca em Nova York "com intenções de lascívia e roubo". [...] As circunstâncias de seu crime diabólico podem servir para convencer a missionária mulata de que a divulgação em Nova York, exatamente agora, de sua teoria de afronta ao negro é, para dizer o mínimo, inoportuna.⁵⁵

Mary Church Terrell, a primeira presidenta da Associação Nacional das Mulheres de Cor, foi outra excepcional líder negra que se dedicou à luta contra os linchamentos. Em 1904, ela respondeu a um virulento artigo de Thomas Nelson Page, "The Lynching of Negroes – Its Cause and Prevention" [O linchamento de negros – causa e prevenção]. Ela publicou na *North American Review*, onde saiu

⁵³ Ida B. Wells, *Crusade for Justice*, cit., p. 63.

⁵⁴ Ver capítulo 8.

⁵⁵ Ida B. Wells, *Crusade for Justice*, cit., p. 218.

o artigo de Page, um ensaio intitulado "Lynching From a Negro's Point of View" [Linchamentos do ponto de vista do negro]. Com uma lógica convincente, Terrell refutou de modo sistemático a justificativa de Page aos linchamentos como uma reação compreensível às supostas agressões sexuais contra mulheres brancas⁵⁶.

Trinta anos depois de Ida B. Wells dar início à campanha contra os linchamentos, uma organização chamada Cruzadas Contra os Linchamentos foi fundada. Estabelecida em 1922 com a chancela da Associação Nacional para o Progresso das Pessoas de Cor e liderada por Mary Talbert, a organização tinha como objetivo criar um movimento integrado de mulheres contra os linchamentos.

O que Mary B. Talbert fará agora? O que as mulheres de cor estadunidenses farão sob sua liderança? Uma organização levada a cabo por mulheres de cor pretende unir, até dezembro de 1922, 1 MILHÃO DE MULHERES de todos os tipos e cores contra os linchamentos.

Preste atenção, sr. Linchador!

Tal classe de mulheres geralmente consegue o que deseja.⁵⁷

Essa não foi a primeira vez que mulheres negras estenderam a mão às suas irmãs brancas. Elas faziam parte da mesma tradição de luta de mulheres grandiosas da história, como Sojourner Truth e Frances E. W. Harper. Ida B. Wells fez, pessoalmente, um apelo às mulheres brancas, como também o fez sua contemporânea, Mary Church Terrell. E as mulheres do movimento associativo negro tentaram, em conjunto, persuadir as mulheres do movimento associativo branco a direcionar parte de sua energia à campanha contra os linchamentos.

As mulheres brancas não reagiram em massa a esses apelos até a criação da Associação de Mulheres do Sul pela Prevenção de Linchamentos, em 1930, sob a liderança de Jessie Daniel Ames⁵⁸. A associação foi estabelecida para repudiar a alegação de que os linchamentos eram necessários para a proteção da feminilidade sulista: "O programa das mulheres do Sul tem sido direcionado à exposição da falsidade da afirmação de que o linchamento é necessário para protegê-las e à ênfase do real perigo dos linchamentos para todos os valores do lar e da religião"⁵⁹.

⁵⁶ Gerda Lerner (org.), *Black Women in White America*, cit., p. 205-11.

⁵⁷ *Ibidem*, p. 215.

⁵⁸ Ver Jessie Daniel Ames, *The Changing Character of Lynching, 1931-1941* (Nova York, AMS Press, 1973).

⁵⁹ *Ibidem*, p. 19.

O pequeno grupo de mulheres que participaram do encontro de fundação da associação, em Atlanta, discutiu o papel das mulheres brancas nos linchamentos daquele momento. Elas destacaram que as mulheres geralmente estavam presentes nas multidões que se reuniam em torno das gangues linchadoras e, em alguns casos, eram integrantes ativas delas. Além disso, as mulheres brancas que permitiam que suas crianças testemunhassem assassinatos de pessoas negras estavam doutrinando-as nos hábitos racistas do Sul. O estudo de Walter White sobre linchamentos, publicado um ano antes do encontro dessas mulheres, argumentava que uma das piores consequências dos assassinatos praticados por essas gangues era o desvirtuamento da mente das crianças brancas sulistas. Quando White viajou à Flórida para investigar um linchamento, uma menina de nove ou dez anos contou a ele sobre "como nos divertimos queimando os pretos"⁶⁰.

Em 1930, Jessie Daniel Ames e as cofundadoras da Associação de Mulheres do Sul pela Prevenção de Linchamentos decidiram recrutar as massas de mulheres brancas do Sul para uma campanha destinada a derrotar as gangues racistas empenhadas em matar pessoas negras. Finalmente, elas conseguiram mais de 40 mil assinaturas para o pacto da associação:

Declaramos que o linchamento é um crime indefensável, destrói todos os princípios de governo, é odioso e hostil a todos os ideais religiosos e humanitários, é desonroso e degradante para toda e qualquer pessoa envolvida. [...] A opinião pública aceitou com muita facilidade a afirmação de linchadores e membros de gangues de que eles agem unicamente em defesa das mulheres. À luz dos fatos, não ousamos mais permitir que essa afirmação fique sem ser contestada, nem que aqueles dispostos à vingança pessoal e à selvageria cometam atos violentos e ilegais em nome das mulheres. Solenemente nos comprometemos a formar uma nova opinião pública no Sul, que não tolerará, por nenhum motivo, as ações de gangues ou de linchadores. Ensinaremos nossas crianças em casa, na escola e na igreja uma nova interpretação da lei e da religião; ajudaremos todas as autoridades a cumprir seu juramento de posse; e, por fim, iremos nos juntar a cada pastor, editor, professor e cidadão patriota em um programa educativo para erradicar de nossa terra os linchamentos e as gangues para sempre.⁶¹

Essas corajosas mulheres brancas sofreram oposição, hostilidade e até ameaças de morte. Suas contribuições foram inestimáveis no interior da cruzada contra

⁶⁰ Walter White, *Rope and Faggot*, cit., p. 3.

⁶¹ Jessie Daniel Ames, *The Changing Character of Lynching*, cit., p. 64.

os linchamentos. Sem suas incansáveis iniciativas para apresentar petições, suas campanhas por cartas, seus encontros e manifestações, a onda de linchamentos não teria sido revertida tão rapidamente. Ainda assim, a Associação de Mulheres do Sul pela Prevenção de Linchamentos foi um movimento que chegou quarenta anos atrasado. Por quatro décadas ou mais, as mulheres negras vinham liderando a campanha contra os linchamentos e, por um tempo quase igualmente longo, apelaram para que suas irmãs brancas se unissem a elas. Uma das maiores fraquezas do estudo de Susan Brownmiller sobre estupro é sua absoluta desconsideração dos esforços pioneiros das mulheres negras no movimento antilinchamento. Embora Brownmiller corretamente enalteça Jessie Daniel Ames e a Associação de Mulheres do Sul pela Prevenção de Linchamentos, ela não faz mais do que menções passageiras a Ida B. Wells, Mary Church Terrell ou Mary Talbert e as Cruzadas Contra os Linchamentos.

Embora a Associação de Mulheres do Sul pela Prevenção de Linchamentos fosse uma resposta tardia aos apelos de suas irmãs negras, o grande alcance das realizações dessas mulheres ilustra de maneira dramática o lugar especial das mulheres brancas na luta contra o racismo. Quando Mary Talbert e suas Cruzadas Contra os Linchamentos estenderam a mão às mulheres brancas, sentiram que estas poderiam se identificar mais prontamente com a causa negra em razão da opressão que elas próprias sofriam enquanto mulheres. Além disso, o linchamento em si, como um terrível instrumento do racismo, também servia para fortalecer a dominação masculina.

Dependência econômica, nenhum contato com ocupações que não sejam "educadas, refinadas, femininas", atividades mentais restritas ao campo da vida doméstica: todas essas restrições impostas por homens têm sido mais pesadas para as mulheres do Sul, onde são mantidas com mais rigidez do que em qualquer outra parte do país.⁶²

Durante a Cruzada Contra os Linchamentos, as críticas à manipulação racista da acusação de estupro não tinham o objetivo de isentar os homens negros que de fato cometessem crimes de agressão sexual. Já em 1894, Frederick Douglass alertou que seus pronunciamentos contra o mito do estuprador negro não deveriam ser mal interpretados como uma defesa do estupro em si.

Não alego que negros sejam santos e anjos. Não refuto que sejam capazes de cometer o crime que lhes é imputado, mas refuto totalmente que sejam mais viciados em

⁶² Walter White, *Rope and Faggot*, cit., p. 159.

cometer tal crime do que qualquer outra espécie da família humana. [...] Não sou defensor de nenhum homem culpado desse crime abominável, mas um defensor do povo de cor enquanto uma classe.⁶³

O ressurgimento do racismo durante a metade dos anos 1970 tem sido acompanhado pela restauração do mito do estuprador negro. Infelizmente, esse mito às vezes tem sido legitimado por mulheres brancas associadas à batalha contra o estupro. Consideremos, por exemplo, o trecho com que Susan Brownmiller conclui o capítulo intitulado "A Question of Race" [Uma questão de raça] de seu livro:

Atualmente, a incidência de verdadeiros estupros, combinada com a imagem mental do fantasma ameaçador do estuprador – e, em particular, do espectro mitificado do homem negro como estuprador, para o qual ele, em nome de sua masculinidade, agora contribui –, deve ser entendida como um mecanismo de controle contra a liberdade, o direito de ir e vir e as aspirações de todas as mulheres, brancas e negras. A encruzilhada do racismo e do sexismo tinha de ser um ponto de encontro violento. Não há sentido em fingir que não seja.⁶⁴

A provocadora distorção que Brownmiller faz de casos históricos como o dos nove jovens de Scottsboro, de Willie McGee e de Emmett Till é projetada para dissipar qualquer simpatia pelos homens negros que são vítimas de acusações fraudulentas de estupro. Quanto a Emmett Till, ela claramente nos convida a inferir que, caso esse garoto de catorze anos não tivesse sido alvejado na cabeça e jogado no rio Tallahatchie depois de assobiar para uma mulher branca, ele provavelmente teria tido êxito em estuprar outra mulher branca.

Brownmiller tenta persuadir quem a lê de que as palavras absurdas e propositadamente sensacionalistas de Eldridge Cleaver – que chamou o estupro de um "ato de insurreição" contra a "sociedade branca" – são representativas. Parece que ela tem a intenção de evocar na imaginação de seu público leitor exércitos de homens negros, com seus pênis eretos, correndo a toda velocidade em direção às mulheres brancas ao seu alcance. Nas fileiras desse exército estão o fantasma de Emmett Till, o estuprador Eldridge Cleaver e Imamu Baraka, que certa vez escreveu: "Levante, niilismo do papaizinho negro. Estupre as garotas brancas. Estupre os pais delas. Corte a garganta das mães delas". Mas

⁶³ Philip S. Foner, *The Life and Writings of Frederick Douglass*, v. 4, cit., p. 496.

⁶⁴ Susan Brownmiller, *Against Our Will*, cit., p. 255.

Brownmiller vai além. Ela não só inclui homens como Calvin Hernton – cujo livro é inequivocamente sexista –, mas também, entre outros, George Jackson, que nunca tentou justificar o estupro. As ideias de Eldridge Cleaver, diz ela,

refletem uma tendência de pensamento entre intelectuais e escritores negros do sexo masculino que se que estava bastante em voga no fim dos anos 1960 e foi empregada com impressionante entusiasmo por radicais brancos do sexo masculino e parte do *establishment* intelectual branco como uma desculpa perfeitamente aceitável para estupros cometidos por homens negros.⁶⁵

A discussão que Susan Brownmiller faz sobre estupro e raça evidencia um sectarismo impensado que beira o racismo. Ao emular uma defesa da causa de todas as mulheres, ela algumas vezes confina a si mesma na posição de defender a causa específica das mulheres brancas, independentemente das implicações disso. Sua análise do caso dos nove jovens de Scottsboro é um exemplo revelador. Como a própria Brownmiller destaca, esses nove adolescentes acusados e condenados por estupro passaram longos anos de sua vida na prisão porque duas mulheres brancas cometeram perjúrio ao testemunhar. Ainda assim, ela não tem nada além de desprezo pelos homens negros e pelo movimento em defesa deles – e sua simpatia pelas duas mulheres brancas é gritante. “A esquerda lutou arduamente por seus símbolos de injustiça racial, transformando em heróis atordoados um punhado de rapazes patéticos, semianalfabetos, presos nas garras da jurisprudência do Sul, que só queriam escapar da condenação.”⁶⁶

Por outro lado, as duas mulheres brancas, cujo testemunho falso levou os nove garotos de Scottsboro para a prisão, estavam “encurraladas por um bando de homens brancos que já acreditavam que um estupro havia acontecido. Confusas e com medo, elas entraram no jogo”⁶⁷.

Ninguém pode negar que as mulheres foram manipuladas pelos racistas do Alabama. Entretanto, é errado retratá-las como peças inocentes de um jogo, isentas da responsabilidade de colaborar com as forças do racismo. Ao escolher ficar ao lado das mulheres brancas, independentemente das circunstâncias, a própria Brownmiller é vencida pelo racismo. Sua incapacidade de alertar as mulheres brancas sobre a urgência de combinar uma feroz contestação do

⁶⁵ Ibidem, p. 248-9.

⁶⁶ Ibidem, p. 237.

⁶⁷ Ibidem, p. 233.

racismo com a batalha necessária contra o sexismo é uma importante vantagem para as forças racistas de hoje.

O mito do estuprador negro continua a levar a cabo o pérfido trabalho da ideologia racista. E deve ser responsável por grande parte do fracasso da maioria das teóricas antiestupro na busca da identidade do enorme número de estupradores anônimos, que seguem sem denúncia, julgamento e condenação. Enquanto suas análises focarem acusados de estupro que são denunciados e presos – portanto, apenas uma fração dos estupros de fato cometidos –, os homens negros (e outros homens de minorias étnicas) serão inevitavelmente vistos como os vilões responsáveis pela atual epidemia de violência sexual. O anonimato que cerca a imensa maioria dos estupros é, em consequência, tratado como um detalhe estatístico – ou, mais do que isso, como um mistério cujo sentido é indecifrável.

Mas, em primeiro lugar, por que existem tantos estupradores anônimos? Não seria esse anonimato um privilégio usufruído pelos homens cuja condição social os protege de processos judiciais? Embora os homens brancos que são empregadores, executivos, políticos, médicos, professores universitários etc. sejam conhecidos por “tirar vantagem” de mulheres que eles consideram socialmente inferiores, seus delitos sexuais raramente vêm à luz em tribunais. Portanto, não é bastante provável que esses homens da classe capitalista e da classe média sejam responsáveis por uma proporção significativa dos estupros não notificados? Muitos desses estupros certamente envolvem vítimas que são mulheres negras: sua experiência histórica mostra que a ideologia racista subentende um convite aberto ao estupro. Como a base da licença para estuprar as mulheres negras durante a escravidão era o poder econômico dos proprietários de escravos, a estrutura de classe da sociedade capitalista também abriga um incentivo ao estupro. Na verdade, parece que homens da classe capitalista e seus parceiros de classe média são imunes aos processos judiciais porque cometem suas agressões sexuais com a mesma autoridade incontestada que legitima suas agressões diárias contra o trabalho e a dignidade de trabalhadoras e trabalhadores.

A existência generalizada do assédio sexual no trabalho nunca foi um grande segredo. De fato, é precisamente no trabalho que as mulheres – em especial quando não estão organizadas em sindicatos – são mais vulneráveis. Por já terem estabelecido a dominação econômica sobre suas subordinadas do sexo feminino, empregadores, gerentes e supervisores podem tentar reafirmar sua autoridade em termos sexuais. O fato de que as mulheres da classe trabalhadora são mais intensamente exploradas do que os homens contribui para sua

vulnerabilidade ao abuso sexual, enquanto a coerção sexual reforça, ao mesmo tempo, sua vulnerabilidade à exploração econômica.

Homens da classe trabalhadora, seja qual for sua etnia, podem ser motivados a estuprar pela crença de que sua masculinidade lhes concede o privilégio de dominar as mulheres. Ainda assim, como eles não possuem a autoridade social ou econômica – exceto quando um homem branco estupra uma mulher de minorias étnicas – que garanta imunidade a processos judiciais, o incentivo não é nem de perto tão poderoso quanto o é para os homens da classe capitalista. Quando homens da classe trabalhadora aceitam o convite ao estupro que lhes é estendido pela ideologia da supremacia masculina, eles estão aceitando um suborno, uma compensação ilusória à sua falta de poder.

A estrutura de classe do capitalismo encoraja homens que detêm poder econômico e político a se tornarem agentes cotidianos da exploração sexual. A presente epidemia de estupros ocorre em um momento em que a classe capitalista está furiosamente reafirmando sua autoridade em face de desafios globais e nacionais. Tanto o racismo quanto o sexismo, centrais para a estratégia doméstica de aumentar a exploração econômica, têm recebido um encorajamento sem precedentes. Não é mera coincidência que, à medida que a incidência de casos de estupro tem aumentado, a posição das trabalhadoras tem piorado de modo visível. As perdas econômicas das mulheres são tão severas que seus salários, quando comparados aos dos homens, estão mais baixos do que há uma década. A proliferação da violência sexual é a face brutal de uma intensificação generalizada do sexismo, que necessariamente acompanha essa agressão econômica.

Seguindo o padrão estabelecido pelo racismo, o ataque contra as mulheres espelha a situação de deterioração da mão de obra de minorias étnicas e a crescente influência do racismo no sistema judicial, nas instituições de ensino e na postura de negligência calculada do governo em relação à população negra e a outras minorias étnicas. Os sinais mais dramáticos do perigoso ressurgimento do racismo são a nova visibilidade da Ku Klux Klan e a correspondente epidemia de agressões violentas contra negros, descendentes de mexicanos e indígenas. A presente epidemia de estupros guarda uma extraordinária semelhança com essa violência estimulada pelo racismo.

Dada a complexidade do contexto social em que o estupro acontece hoje, qualquer tentativa de tratá-lo como um fenômeno isolado está fadada ao fracasso. Uma estratégia eficaz contra o estupro deve ter como objetivo mais do que a erradicação do estupro – ou mesmo do sexismo – por si só. A luta contra

o racismo deve ser um tema contínuo do movimento antiestupro, que deve defender não apenas as mulheres de minorias étnicas, mas também as muitas vítimas da manipulação racista das acusações de estupro. As dimensões críticas da violência sexual constituem uma das facetas de uma profunda e contínua crise do capitalismo. Como lado violento do sexismo, a ameaça de estupro persistirá enquanto a opressão generalizada contra as mulheres continuar a ser uma muleta essencial para o capitalismo. O movimento antiestupro e suas importantes atividades atuais – que variam de ajuda emocional e legal a campanhas educacionais e de autodefesa – devem ser situados em um contexto estratégico que tenha em vista a derrota definitiva do capitalismo monopolista.